

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E VALORES NA PRÁTICA DE UMA PROFESSORA: SENTIDOS CONSTRUÍDOS¹

Environmental Education and values in the practice of a teacher: meanings produced

Educación Ambiental y valores en la práctica de una maestra: sentidos producidos

DALVA MARIA BIANCHINI BONOTTO

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Rio Claro

RESUMO Na medida em que reconhecemos a necessidade da mudança do sistema de valores hegemônico que subsidia o atual padrão insustentável de relação sociedade-natureza, interessa-nos investigar as possibilidades de as ideologias contra-hegemônicas fortalecerem-se. Os programas educativos deveriam contribuir com essa tarefa, aproximando os educandos de reflexões, posicionamentos e valores de interesse socioambiental, de forma a que as propostas e esses valores possam lhes “fazer algum sentido”. Assim, nos propusemos a investigar essa construção de sentidos por parte de professores interessados na Educação Ambiental. Objetivamos, neste texto, apresentar alguns sentidos produzidos por uma professora do Ensino Fundamental ao buscar incorporar em suas aulas o trabalho com a dimensão valorativa da temática ambiental. A prática da professora se mostrou impregnada do sentido de desafio, diante da tarefa de buscar ampliar o olhar de seus alunos – crianças – sobre um problema ambiental, de forma menos ingênua e mais crítica, segundo as compreensões que a própria educadora construíra a partir de seu processo formativo. Esse sentido foi temperado com sua intenção otimista de colaborar com o enfrentamento da crise ambiental e a transformação ambiental e social que almejamos.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E VALORES; SENTIDOS; ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS).

ABSTRACT As we recognize the need to change the hegemonic value system that supports the current standard of unsustainable relationship between society and nature, we are interested in investigate the possibilities of strengthening up counter-hegemonic ideologies. Educational programs should contribute to this task, bringing students closer to thoughts, positions and values of social and environmental interest, so that the proposals and these values can be of significance to them. So we propose to investigate the construction of meaning by teachers interested in environmental education. In this paper we aim to present

¹ Esta pesquisa teve apoio do CNPq (Processo nº 483563/2012-9).

some meanings produced by a primary school teacher while she sought to incorporate in her classes the work with the values dimension of environmental issues. This teacher's practice seemed impregnated with the sense of challenge, as she was faced with the task of expanding the mindset of her students – children – about an environmental problem in a more critical way, in accordance with the understandings she herself had elaborated in the in-service teacher program that she participated. This meaning was permeated with her optimistic willingness to cooperate with the facing of the environmental crisis and the environmental and social transformation with which we aim.

KEYWORDS: ENVIRONMENTAL EDUCATION AND VALUES; MEANINGS; PRIMARY SCHOOL.

RESUMEN En la medida en que reconocemos la necesidad de cambiar el sistema de valores hegemónicos que apoya las actuales pautas insostenibles de relación entre la sociedad y la naturaleza nos interesa investigar las posibilidades de las ideologías contrahegemónicas fortalecerse. Los programas educativos deben contribuir al esta tarea, y llevar a los estudiantes las reflexiones, las posiciones y los valores de interés social y ambiental, por lo que las propuestas y estos valores se pueden “tener sentido” a ellos. Así que nos propusimos investigar la construcción de sentido en los docentes interesados en la educación ambiental. Pretendemos en este texto presentar algunos sentidos producidos por una maestra de escuela primaria en la búsqueda de incorporar en sus clases el trabajo con la dimensión de valores de los problemas medioambientales. La práctica de la maestra demostró impregnada del sentido del desafío, frente a la tarea de ampliar la mirada de sus alumnos – niños y niñas – acerca de un problema ambiental, menos ingenua y más crítica, de acuerdo con las comprensiones construidas a partir del programa de educación permanente en el que participó. Este sentido se vinculó a su intención optimista de apoyo a la lucha contra la crisis ambiental y la transformación ambiental y social que deseamos.

PALABRAS CLAVE: EDUCACIÓN AMBIENTAL Y VALORES; SENTIDOS; ENSEÑANZA PRIMARIA.

INTRODUÇÃO

Refletindo sobre a questão ambiental, posta para a sociedade de forma contundente a partir das últimas décadas do século passado, concordamos com os autores que a consideram uma crise civilizatória, que acarreta um padrão insustentável de relação sociedade-natureza. Na análise desses autores, esta seria resultante de uma visão de mundo ou paradigma característico de nossa civilização, impregnado pelo modelo de racionalidade instrumental (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), mecanicista e quantitativo (SANTOS, 1998), reducionista e simplificador (MORIN, 2001). Esta visão e os valores a ela associados subsidiariam o atual padrão de

relação sociedade-sociedade e sociedade-natureza, culminando em situações de degradação ambiental de dimensões espaciais e temporais cada vez maiores, o que vêm exigindo, com urgência, uma revisão desse padrão insustentável de atuação.

A Educação Ambiental (EA) é tida como uma das possibilidades de enfrentamento desse quadro, uma vez que o processo educativo pode estimular uma mudança de valores, concepções e ações por parte da sociedade. Para que ele supere esse desafio, consideramos, a partir de Carvalho (2006), três dimensões que devem ser igualmente trabalhadas nas propostas de EA: os conhecimentos (provindos das ciências naturais e sociais, para a compreensão tanto de fatos e conceitos relativos à natureza e à relação sociedade-natureza como também do próprio processo de produção do conhecimento científico); os valores éticos e estéticos (para a construção de novos padrões de relação com o meio natural) e a participação política do indivíduo (para o desenvolvimento da cidadania e a construção de uma sociedade democrática).

Em se tratando dos valores, foco de nosso interesse, diversos autores têm apontado que o atual sistema de valores sobre os quais nossa sociedade se apoia torna nossa civilização insustentável. Assim, fica evidente a dimensão valorativa da Educação Ambiental na medida em que, ao se propor a construção de novas formas de relação sociedade-natureza (LOUREIRO, 2000), estas necessariamente se pautam em valores concordantes com essas mudanças.

No entanto, as instituições sociais operam a partir de uma visão hegemônica de mundo, a qual contribui para a manutenção do atual padrão. A escola não está livre dessa influência e, ao se imputar a ela a tarefa de contribuir para mudanças, instala-se o desafio de desenvolver tal tarefa em uma instituição que geralmente é corresponsável pela transmissão das atuais concepções e valores. Faz-se necessário, assim, refletir e investigar sobre as possibilidades e os limites de a escola contribuir com as demandas provenientes da questão ambiental.

Assim, considerando a necessidade da construção de experiências em prol de uma educação em que não se cuide apenas do conteúdo conceitual, mas se considere e se trabalhe, de forma intencional, explícita e sistemática com valores (PUIG, 1998; 2004), ressaltamos a necessidade de nos ocuparmos com a figura do professor e sua formação, reconhecendo, além da necessidade de inserir esse tema em programas de formação docente, a necessidade de se investigar esse processo.

Reconhecemos que o processo de construção de sentidos sobre os valores desejáveis do ponto de vista ambiental e o trabalho voltado a uma educação que os incorpore é uma questão que merece ser amplamente investigada. Considerando que esses sentidos são criados na interação social, sendo então internalizados pelos indivíduos, torna-se fundamental compreender como se efetiva essa construção. A partir do momento em que assumimos, neste trabalho, o diálogo como ponto de partida e chegada para a formação humana e a construção de valores, buscamos autores e referenciais que assumem essa perspectiva, o que nos aproximou da perspectiva bakhtiniana da dialogia e da produção de sentidos.

Essa perspectiva encaminhou-nos para a problemática específica que desejamos focar no presente trabalho.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, VALORES AMBIENTALMENTE DESEJÁVEIS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Partindo do pressuposto de que a dimensão valorativa refere-se a fenômenos humanos complexos, de difícil apreensão e de construção não imediata, espera-se que o processo formativo, ao menos, aproxime os sujeitos de reflexões, posicionamentos e valores de interesse social, um processo que é o objetivo da formação, de forma que as propostas e esses valores passem a “fazer algum sentido” aos educandos. Nesse processo, algo que já existe construído em experiências anteriores ou atuais pode ser reconhecido e reforçado, enquanto velhos padrões podem se alterar ou permanecer intocados, serem um pouco ou muito modificados, em uma construção que pode se desvelar em meio ao diálogo estabelecido no grupo, a partir do qual as ideologias hegemônicas e cotidianas lutam continuamente para se estabelecer (MIOTELLO, 2005).

É importante ressaltar que “[...] a apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 228). No entanto, na medida em que reconhecemos a pertinência da mudança do sistema de valores hegemônico que subsidia o atual padrão sociedade-natureza insustentável,

interessa-nos captar as possibilidades das ideologias contra-hegemônicas fortalecem-se, desafio com o qual os programas formativos deveriam contribuir.

Percebemos, então, a necessidade de nos voltarmos mais detidamente a esse processo de construção de sentidos, que ocorre em meio aos diferentes espaços compartilhados pelos professores e entre eles e seus alunos, buscando captar sentidos construídos por eles diante das experiências formativas.

Assim, nós nos propusemos a investigar essa construção de sentidos por parte de professores envolvidos no trabalho com a dimensão valorativa da Educação Ambiental engajados em um programa de formação continuada (ciclos de estudo estruturados para ocorrerem ao longo de um ano) organizado a partir do Projeto de Extensão “Educação Ambiental e o trabalho com valores”. Esse projeto é dirigido a professores de diferentes disciplinas da rede pública de Ensino Básico, interessados na temática do projeto (EA e o trabalho com valores).

Considerando que os professores que participam de uma formação trazem consigo valores, crenças e saberes previamente construídos em sociedade, torna-se significativo investigar – a partir do espaço formativo estabelecido, voltado às reflexões e práticas sobre a EA e o trabalho com valores – as possibilidades e os limites de afirmação/ construção de valores desejáveis em termos socioambientais, que podem despontar por entre os sentidos que brotam nos diálogos escritos e orais produzidos nessa experiência.

Esse programa possibilitou-nos, portanto, a investigação da problemática de nosso interesse, com relação às seguintes questões: até que ponto o professor participante do programa de formação continuada se aproxima da proposta apresentada no programa? Como enfrenta o dilema do trabalho com os valores ambientalmente desejáveis e a indesejabilidade de uma postura doutrinária? Que sentidos são construídos em meio a todo esse processo?

A PESQUISA

Diante do exposto, nosso objetivo com a presente pesquisa foi o de identificar e analisar os sentidos construídos por esses professores a partir do processo formativo vivenciado, buscando identificar, em meio a eles, os espaços de contestação da

ideologia hegemônica e as possibilidades de construção dos valores desejáveis do ponto de vista socioambiental. O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa, voltando-se à análise do processo vivido por uma das professoras.

Privilegiando o processo a ocorrer e a perspectiva dos sujeitos envolvidos, a pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Os diálogos e relatos escritos apresentados pelos professores constituíram os dados da pesquisa, coletados:

- em filmagens ocorridas ao longo do programa de formação em que os diálogos sobre a temática de interesse aconteciam nos diferentes momentos do projeto (discussão de textos de fundamentação teórica, elaboração e desenvolvimento de atividades de ensino junto aos alunos do Ensino Fundamental etc.) posteriormente transcritas;
- a partir de todo material escrito produzido pelos professores (planos de ensino, questionários de avaliação do curso, textos de reflexão redigidos após os encontros etc.);
- em filmagens das aulas ministradas pelos professores, pois nestas eles desenvolviam a proposta de atividades de ensino elaborada durante o programa, dialogando com seus alunos.

Sendo a linguagem instrumento fundamental para a constituição do homem (AGUIAR; OZELLA, 2006), a abordagem analítica adotada nessa pesquisa, apoiada na perspectiva bakhtiniana, possibilita o estudo dos enunciados, ou seja, quaisquer orações, emitidas em um contexto histórico-social, que trazem consigo não somente os significados das palavras, mas intenções e visões de mundo (BRAIT; MELO, 2005).

Cereja (2005, p. 218) afirma que “[...] os sentidos do signo ou do enunciado, isto é, seu tema, só pode ser tomado se se levar em conta o enunciado concreto”, o qual vai além dos elementos linguísticos, sendo consideradas, dentre outros aspectos, a identidade dos interlocutores, a finalidade da enunciação, o momento histórico, aspectos fundamentais para a compreensão dos sentidos.

Assim considerando, a interpretação dos enunciados foi realizada por meio de sucessivas leituras dos seus registros, em busca de uma compreensão dos acontecimentos vividos, o que nos permitiu apreender alguns dos sentidos construídos por

seus autores diante da tarefa assumida junto a seus alunos, a partir do programa de formação continuada do qual participaram².

SENTIDOS E PRÁTICAS EM CONSTRUÇÃO

Procurando contextualizar o trabalho da professora Laura³, é importante ressaltar, de início, a sua atuação junto aos anos iniciais do Ensino Fundamental (uma turma de 5º ano). Isso já implica perspectivas e organização de trabalho específicas para esse nível de escolaridade.

A professora é polivalente, o que possibilita um contato maior com os alunos, diferentemente dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental, cujas aulas são geralmente dispostas em uma “grade” com horários preestabelecidos de 50 minutos de duração, as quais, no máximo, podem ser reunidas em “aulas duplas” de 100 minutos. Esse tempo maior de duração pode facilitar o estabelecimento de mais intimidade entre professor e alunos, assim como um diálogo mais produtivo. Tanto o diálogo como a intimidade são indispensáveis para se realizar um trabalho mais adequado com a temática dos valores, possibilitando lidar com a complexidade e as controvérsias que lhe são inerentes. Nesse sentido, nas aulas da professora Laura, identificamos inicialmente sua abertura para o diálogo com as crianças, permitindo que estas expusessem suas ideias e histórias; e em meio a esse espaço, a professora caminhava com suas exposições e propostas.

Em segundo lugar, destacamos que a professora fora atraída pelo programa formativo por sua afinidade com essa temática, que já valorizava e, segundo seu depoimento (que nos foi apresentado desde os primeiros contatos, antes mesmo da realização do programa de formação continuada), já trabalhava com seus alunos. Isso nos indica seu distanciamento de uma postura mais relativista quanto a esse trabalho, inclinando-a para um posicionamento mais definido quanto ao papel do professor na educação dos alunos e com relação ao conteúdo valorativo. Esse

² Vale ressaltarmos que os professores foram informados da pesquisa assinando o Termo de Anuência Livre e Esclarecido, previamente elaborado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências – UNESP/Rio Claro (Decisão CEP nº 056/2012), ao qual o projeto foi encaminhado e do qual recebeu parecer favorável.

³ Por questões éticas envolvendo a garantia do anonimato, a professora será identificada por um nome fictício.

posicionamento pôde ser percebido no trabalho realizado pela professora, que passamos a apresentar agora.

O DESAFIO PRESENTE NO TRABALHO DE APROFUNDAR VISÕES E REVER VALORES

A professora Laura, ao participar do programa de formação docente oferecido na universidade, aproximou-se da perspectiva da Educação Ambiental crítica, a partir da qual surge a necessidade de aprofundarmos nossa compreensão acerca da questão ambiental, entendida como socioambiental. Com isso, buscamos fugir de uma visão naturalizante e ingênua, na qual se acredita que os especialistas “darão conta” dos problemas ambientais, cabendo à sociedade em geral aprender os bons comportamentos determinados por eles e pelos governantes, sendo essa a contribuição, como (bons) cidadãos, a ser dada pela população.

Essa é uma perspectiva bastante comum de projetos de EA que chegam às escolas, muitos deles organizados por empresas. Conforme tão bem apresenta Layrargues (2002), em seu texto “O cinismo da reciclagem”, o discurso ecológico oficial propõe posturas menos políticas e mais técnicas para o enfrentamento das questões ambientais. Assim, sob esse enfoque, a prática educativa “[...] que se insere na lógica da metodologia da resolução de problemas ambientais locais de modo pragmático [...] remete-nos de forma alienada à discussão dos aspectos técnicos da reciclagem, evadindo-se da dimensão política” (LAYRARGUES, 2002, p. 179).

Diante disso, a abordagem crítica da EA acaba sendo uma contribuição importante para se contrapor a esse sentido hegemônico, permitindo aos professores vislumbrarem outros panoramas, buscarem outros sentidos sobre os problemas que a crise ambiental nos apresenta. Conforme as palavras da professora Laura⁴: “O que eu sabia sobre EA é que esta era uma ação para tentar formar cidadãos que procurem não degradar o ambiente. Qualquer coisa além disso, para mim, foi novidade. Ou seja, tudo”.

⁴ Projeto de extensão – Reflexão (out. 2013). Este e outros excertos extraídos das reflexões escritas entregues pela professora, neste trabalho serão discriminados dos excertos de suas falas, sendo estas últimas registradas em itálico.

Assumindo esse direcionamento, a realização do Plano de Ensino, elaborado pela professora junto às outras colegas dos anos iniciais (uma tarefa que fazia parte do programa formativo), voltou-se ao aprofundamento de um projeto que suas escolas já realizavam, envolvendo o descarte correto de óleo. Uma empresa da região comprava o óleo diretamente das escolas, e a estas cabia o trabalho educativo junto aos alunos, incentivando-os a levarem o óleo usado de suas casas para a escola. Para estimular essa ação, geralmente as escolas organizavam uma premiação para as classes ou alunos que recolhessem a maior quantidade de óleo.

Então, alguns questionamentos começaram a se tornar evidentes para essas professoras, inspirando a elaboração da proposta de ensino: as crianças estariam compreendendo com clareza o problema do descarte incorreto do óleo? Com a competição adotada, não poderiam participar de forma equivocada, objetivando (muito mais) a premiação, que implicaria tão somente em trazer mais e mais óleo, sem questionarem a produção desse óleo caseiro? Teriam algumas noções básicas de boa alimentação, que envolvem a redução de consumo de frituras? A articulação da questão relativa à saúde com a questão ambiental estaria clara para essas crianças?

A fim de esclarecer tais questões, as professoras elaboraram um plano de atividades de ensino buscando lidar com essas dúvidas que surgiram. No desenrolar dessas atividades, observamos os esforços da professora Laura, procurando despertar, em seus alunos, uma visão mais crítica a respeito do projeto sobre o óleo do qual participavam. O trabalho com a questão ambiental e os valores que hegemonicamente estão associados às escolhas da sociedade somados a uma visão ingênua da questão foram revelados em meio aos diálogos com as crianças.

De início, a professora procurou trabalhar com uma maior compreensão das razões que levam uma empresa a propor um projeto dessa natureza, conforme podemos observar nos trechos⁵ a seguir, extraídos da transcrição da filmagem de uma de suas aulas⁶:

⁵ Serão apresentados alguns trechos dos diálogos estabelecidos nas aulas entre a professora e seus alunos. Durante as aulas, foram filmados os diálogos entre a professora e seus alunos. Durante as aulas as atividades foram filmadas, focalizando principalmente os filmados os diálogos a fim de analisar as respostas sobre os questionamentos da professora; em seguida, foram selecionadas as falas que seriam apresentadas como destaque neste texto; por isso, quaisquer desvios à norma culta devem ser desconsiderados porque se optou por manter as informações conforme foram expressas.

⁶ Transcrição das aulas (p. 64-70, grifos nossos).

Professora: – Gente, eu quero que vocês pensem... Exatamente... Claro, exatamente o que vocês acham, o que vocês pensam. Mas uma visão um pouquinho mais crítica, uma visão um pouquinho melhor das coisas [...] tudo bem? Como nós ampliamos nossa visão sobre o meio ambiente, como nós temos ampliado a nossa visão sobre algumas questões que a gente tem conversado, nós vamos pensar um pouquinho além, tá? Dar uma forçadinha um pouquinho mais... Então, o que você pensa da campanha, o que você acha sobre ela? Pontos positivos, negativos. Se só tem positivos... Ou negativos? O que que é? O que vocês pensam sobre isso, tudo bem? Tirem “das suas profundezas” [...].

[Os alunos ficam escrevendo suas respostas]

Professora: – Bom, pessoal. Então, vamos lá! Vamos ver as respostas aí, que apareceram. Vai lá, Biléu, o que você pensa sobre a campanha?

Biléu: – Acho que é bom... Ele ajuda bastante o meio ambiente, mas ainda tem gente que joga o óleo nas águas, no solo.

Professora: – E o que você acha, Melissa?

Melissa: – Eu acho que é muito legal essa campanha, para as pessoas pensarem um pouco no nosso futuro. E ajudando, chegaremos em um mundo melhor, longe da poluição.

Professora: – Quer falar, Lucas? Não? Então, para de chupar o dedo! Amanda?

Amanda: – Eu acho que a campanha na escola está indo muito bem, porque as pessoas que não sabiam que o óleo não pode ser jogado. Agora nós já sabemos! E todas as classes da escola estão ajudando. E agora esta ajuda. Está ganhando lugares limpos e bonitos [Foram dadas várias outras respostas, do mesmo teor]

Professora: – Ok, mais alguém gostaria de falar? Não? Muito bom! Então... Todo mundo acha que a nossa campanha é boa?

AA⁷: – Sim!

Professora: – Deve continuar?

AA: – Sim!

Professora: – Agora... Quem promove essa campanha é uma empresa, particular. Uma empresa... Mas não existe só ela. Existem outras empresas, várias empresas... Por isso mesmo, eu coloquei aí: existem sites de empresas que recebem a doação do óleo. E eu deixei o site, caso vocês queiram procurar, é só entrar nos links das empresas. Então, existem várias empresas que fazem essa coleta. Que cuida dessa questão da coleta, aqui em Rio Claro existe, acho, que mais de uma viu. Se eu não me engano, tem mais que uma. E eu queria ver com vocês, qual será o real interesse das empresas que coletam o óleo? Fala, Biléu!

Biléu: – Tirar o óleo da... É... Tirar a possibilidade do óleo ser jogado na natureza.

⁷ AA: símbolo usado para identificar quando vários alunos simultaneamente dão a mesma resposta; A: quando apenas um aluno responde, cujo nome é desconhecido.

Professora: – Certo! E o que mais a gente pode pensar? Fala, Leo!
Leo: – Diminuir... É... Diminuir a quantidade de óleo na natureza.
Professora: – Mais alguém? Não? **Agora eu vou fazer a pergunta de novo. Olha, eu quero que vocês pensem numa palavrinha que tem nessa pergunta: qual que é o REAL interesse, o VERDADEIRO interesse? Um dos interesses é esse né, tirar esse óleo da natureza.**
[Depois de algum tempo e das falas dos alunos dentro da mesma perspectiva]
Professora: – Vamos colocar essa pergunta na lousa. Eu quero que vocês pensem sobre ela. E nós vamos discutir sobre esse assunto, tá?
[A professora Laura escreve na lousa: **qual é o real interesse das empresas que arrecadam óleo usado?**]
Professora: – Vocês sabem o que são empresas, gente?
AA: – Sabemos!
Professora: – Sabem do que elas vivem?
Biléu: – Vendas?
Professora: – Vendas, dinheiro... Não é isso? Comércio. E... Vocês sabem que essa empresa da arrecadação do óleo, elas pagam pra gente esse óleo usado, né? Bem pouquinho, mas ela paga pro pessoal não jogar o óleo. Mas, depois ela faz o que com esse óleo, essa empresa?
Vinícius: – Ah, eu já sei a resposta! Elas [xxx]⁸ fazem biodiesel e vendem pra outros lugares, para os outros venderem.
Professora: – Então... Mas a empresa que arrecada não fabrica biodiesel.
Biléu: – Elas vendem o óleo pras empresas que fazem o biodiesel.
Leo: – Elas compram aqui na escola e depois vendem pras empresas que fazem a tinta, o biodiesel.
Professora: – Tá, então vamos pensar um pouquinho mais e escrever um pouquinho mais sobre isso, tá bom?
[Os alunos ficam escrevendo suas respostas]
Leo: – **Alguém chegou perto, professora?**
Professora: – **Nós estamos caminhando ainda, Leo.**
Professora: – **Pode pensar, eu quero que vocês pensem... Vocês já pensaram em duas coisas. Só falta vocês pensarem em mais um negócio, tá bom?**
Leo: – **Que é o que complementa tudo.**
Professora: – **É... Vai fechar tudo!**
Vinícius: – **Eles compram e revendem pras outras fábricas fazerem as tintas**
Professora: – **É, isso o que vocês falaram que eles fazem, né. E o texto também trouxe isso.**
A: – **Essa pergunta é meio sem resposta.**

⁸ O símbolo [xxx] foi utilizado para indicar trechos inaudíveis das falas gravadas, o que impossibilitou sua transcrição.

Professora: – Sem resposta?

Leo: – Resposta tem. Mas, o duro é que você fica meio... Na incerteza.

Professora: – Coloquem na incerteza! A gente só vai descobrir algumas coisas se a gente tentar, não é assim?

Vinícius: – Professora é... Pra fazer o óleo, transformar em Biodiesel, gasta muito dinheiro, não gasta?

Professora: – Eu não sei quanto que gasta, Vinícius, mas...

[Aula interrompida por visitante à porta]

Professora: – Terminaram? Sim? Vai, Biléu!

Biléu: – Vender o óleo para empresas que fabricam o biodiesel e arrecadar dinheiro.

Professora: – Fala... Nicole!

Nicole: – Eles compram o óleo da escola [xxx] sabão líquido e em barra. Eles também ajudam o ambiente.

Professora: – Ok... Vinícius?

Vinícius: – Ela compra e revende para outras empresas para fabricar tinta, verniz, biodiesel e outros, e para arrecadar dinheiro.

Professora: – Ok... Gente o sabão que elas fabricam [xxx]. Guilherme?

Guilherme: – Elas pedem para as escolas o óleo para vender para empresas que fabricam coisas com o óleo.

Professora: – E...?

Guilherme: – Ah, e elas vendem essas coisas para as lojas para venderem para a gente.

Professora: – Só a empresa que arrecada o óleo? Só a empresa que arrecada esse óleo? Qual é o interesse dela? Fala, Nicole!

Nicole: – Arrecadam e fazem tinta, verniz, biodiesel etc.

Professora: – E...? Fala, Amanda!

Amanda: – Diminuir a quantidade de óleo em nosso planeta e... Vender o óleo para fazer tinta, verniz, entre outras coisas.

[Passado algum tempo]

Professora: – Gente, então vamos lá! Posso falar? Ninguém mais quer falar? Vocês conseguiram colocar, a maioria conseguiu colocar os três itens... Mas colocaram em ordem invertida. Então, deixa eu esclarecer pra vocês: toda empresa, principalmente quando é particular, elas vivem de dinheiro, aliás a sociedade é baseada no dinheiro, a gente usa para poder sobreviver. **Então, essa empresa ela faz um serviço AMBIENTAL, mas o objetivo dela não é só ambiental, se você falar pra ela: “Olha, passa lá com o seu caminhão, arrecadando o óleo, traz pra gente... Eu sou uma fábrica de biodiesel, tá? Traz pra gente, eu vou fazer o biodiesel e nós vamos ajudar o meio ambiente... Você não vai receber nada por isso”, vocês acham que ela vai continuar arrecadando?**

AA: – Não!

Professora: – Não, né! Ela precisa sobreviver, tá? A empresa, para sobreviver, ela tem que ter os lucros. Ela tem seus custos, tem que

pagar funcionário... Então, ela precisa de dinheiro. Nenhuma empresa vai abrir por aí por ser benevolente, bonitinha, preservando o meio ambiente e tendo prejuízo... Não tem como! Então o primeiro objetivo das empresas é ter lucro. Nenhuma empresa quer ser falida. Só que o trabalho deles o que é? É um trabalho ambiental... Então o primeiro objetivo de qualquer empresa é ter lucro. Eu preciso ganhar dinheiro. A “causa” é ambiental, né? A empresa tira o óleo dos pontos de coleta, todas elas, e vendem. Só que elas pagam pra gente R\$ 0,50 por cada litro de óleo... R\$ 0,50 não, R\$ 0,10.

[Os alunos ficam surpresos com o baixo valor]

Professora: – É bem pouquinho, são R\$ 0,10. Eu não tenho certeza, por cada litro de óleo... É um pouquinho de dinheiro no final do mês, né? Então, ela paga baratinho essa matéria prima. Quando ela vai vender lá na outra empresa pra fazer a tinta, o sabão, o biodiesel etc., ela não vai vender por esse preço baratinho que ela comprou aqui... Senão não tem lucro. Então ela vai vender bem mais caro, a gente vai comprar bem mais caro.

O trabalho da professora não para na revisão dos alunos quanto aos interesses e ao papel da empresa no projeto. O sentido do seu trabalho era construir junto aos alunos uma visão mais ampla, conforme sua (mais recente) compreensão da questão e o sentido que passa a dar ao papel da escola, o que envolvia, também, analisar como o projeto se organizava dentro dela, o que precisava ser revisto. Conforme já reconheceram alguns pesquisadores, como Zacarias (1998), ao analisar projetos semelhantes em algumas escolas públicas de Juiz de Fora, Minas Gerais, a parceria com a indústria de reciclagem restringe o processo pedagógico a uma finalidade mercantil e utilitarista. Tais parcerias podem até trazer alguns benefícios; todavia, elas não podem constituir uma ação isolada, pois reforçam a reciclagem e omitem a redução e o reaproveitamento, além da questão do consumismo.

Para a professora Laura, era preciso, então, ir além nesse mergulho nas “profundezas” do projeto⁹:

Professora: – Agora, vamos para a pergunta número três:

[A professora escreve na lousa: Qual o real interesse da escola nessa campanha?]

Bom, então vamos pensar: qual o real interesse da escola nessa campanha?

⁹ Transcrição das aulas (p. 73-74, grifos nossos).

[Os alunos ficam escrevendo suas respostas]

Professora: – Prontinho?

AA: – Sim!.

Professora: – Então vamos lá... Qual o real interesse da escola nessa campanha? Fala, Victor!

Victor: – Vender para a empresa, arrecadar dinheiro e ajudar o meio ambiente.

Allan: – Conscientizar as crianças.

Professora: – Não entendi, Allan.

Allan: – Conscientizar as crianças, ajudar a natureza e arrecadar dinheiro.

Professora: – Fala, Sofia!

Sofia: – Incentivar as crianças a arrecadar óleo e limpar o meio ambiente.

[Após muitos alunos dizerem suas respostas, as quatro finais]

Guilherme: – Obter lucro, ajudar o meio ambiente e ensinar as crianças a não jogarem o óleo na pia.

Vinícius: – Arrecadar dinheiro para arrumar a escola e ajudar o meio ambiente pra todos os seres humanos.

Biléu: – Ensinar a não jogar o óleo em lugares errados e arrecadar dinheiro.

Melissa: – Tornar o mundo um lugar melhor e fazer com que as crianças possam se conscientizar, fazendo a nossa parte.

*Professora: – Mais alguém?... Não? [...]Bom, primeira coisa [...]Então, vamos lá! Vocês falaram quase tudo certinho. A escola realmente arrecada porque ela recebe uma verba; pouquinho, mas recebe. Então é um dinheiro que dá pra comprar um papel higiênico, dá pra trocar uma lâmpada, trocar uma fechadura que quebra. E assim por diante. Então, o dinheiro que recebe é bem pouco, tá gente; mas, ajuda em algumas ocasiões. **Então, primeira coisa: ela realmente faz essa arrecadação porque tem esse caixa, esse dinheiro pra gente. E a segunda parte, que realmente interessa pra gente, é tentar conscientizar do descarte, quanto do descarte errado do óleo faz mal pra natureza. Então, tem que criar um hábito de recolher o óleo usado e não jogar em qualquer lugar.***

Consideramos, a partir da análise do conjunto das falas, que as respostas dos alunos passam a ser, nesse segundo momento da reflexão, mais amplas, menos ingênuas até. O interesse educativo da escola, que destacam sempre, é somado a outros interesses; os alunos parecem começar a entender a multiplicidade de

interesses que está por trás do projeto. Mas restava, ainda, chegar à reflexão sobre a posição deles próprios frente ao projeto e avaliar os interesses e valores dos alunos. O diálogo¹⁰, então, continua:

Professora: – Bom, agora vamos diminuir essa distância, mais uma perguntinha.

[A Professora escreve na lousa: “Qual é o seu real interesse nessa campanha?”]

Eu gostaria que vocês fossem os mais honestos possível, tá? E você, qual o seu real interesse nessa campanha?

Vinicius: – Professora, o real interesse é o dinheiro da escola, né?

Professora: – Não, o seu real interesse é sobre você... Por que que você traz? Você, Vinicius. Cada um de nós... O seu interesse de verdade.

[Os alunos ficam escrevendo suas respostas]

Professora: – Prontinho?

AA: – Sim!

Professora: – Então vamos lá, ver o interesse de cada um. Por que você traz, Biléu?

Biléu: – Para competir com as outras classes e diminuir a possibilidade do óleo chegar no rio.

Professora: – Nicole?

Nicole: – Eu trago óleo para a escola para ajudar o meio ambiente, incentivar os menores a não jogar o óleo na pia, nos ralos, no quintal e principalmente no rio.

Professora: – E você, Vinicius?

Vinicius: – Para deixar o meio ambiente limpo e para não deixar que os seres vivos morram, pois eu não gostaria que fosse comigo.

Guilherme: – Para ajudar o meio ambiente e ganhar o certificado.

Hanna: – Para limpar o meio ambiente, conscientizar as pessoas sobre a questão do óleo, ajudar a nós mesmos e competir.

Leo: – Eu falei a verdade!

sentido de desafio, diante da tarefa de buscar ampliar o olhar de seus alunos – crianças – *Sim, tem que ser a verdade.*

Leo: – [...] eu trago óleo pra escola em primeiro lugar para ganhar a competição e em segundo ajudar o meio ambiente.

Professora: – Ok! Ana?.

Ana: – Ajudar o meio ambiente e ganhar o certificado.

Victor: – Trago o óleo para ajudar o meio ambiente e para nossa classe ganhar certificados.

Professora: – Mais alguém?... Bom, então é hora de comentar sobre a nossa competição, né? Sobre a disputa entre classes, sobre o

¹⁰ Transcrição das aulas (p. 74-75, grifos nossos).

certificado que a gente recebe quando a gente... É... Ganha, né? E todo mês vocês ganharam um certificado.

A conversa¹¹ prossegue, com a professora Laura passando a focalizar a análise na questão da competição que atravessa o projeto, e que foi apontada pelos próprios alunos. É interessante observar o comentário de um deles, diante do encaminhamento feito pela professora:

*Guilherme: – Professora, e a **competição incentiva as pessoas, né, a trazer o óleo [...]***

Professora: – Tá! Então, vamos pensar um pouco sobre a competição, já que ela incentiva as pessoas a trazerem o óleo, já que ela é o... Vamos dizer, assim, o primeiro interesse de vários.

*Leo: – **Essas perguntas estão cavocando lá!***

Professora: – Cavocando as profundezas, né? Essa é a ideia!

E a professora tenta explorar a questão da competição, tão profundamente arraigada em nossa sociedade; em consequência, no interior da própria escola. Sua insistência nessa questão indica, mais uma vez, a influência de uma perspectiva crítica da EA, a partir da qual se insiste em avaliar, em profundidade, nossas ações, promovendo a “[...] reflexão dos valores fundamentais da sociedade moderna e das instituições que se valem desses princípios para dominar, oprimir e explorar tanto a natureza como certas camadas da sociedade” (LAYRARGUES, 2002, p. 214).

Essa questão havia sido discutida nos encontros do programa formativo e a professora Laura assumiu essa tarefa em sua plenitude. Mas talvez não tivesse a percepção de quão difícil seria trabalhar esse aspecto com seus alunos, conforme ilustra o seguinte trecho¹²:

Então, agora vamos pensar em mais uma perguntinha.

[A Professora escreve na lousa: “O que você acha da competição na campanha?”]

*Professora: – **Alguns chegaram a falar alguma coisa nessa última fala aí, mas essa competição aí, entre classes, escolas, entre alunos... O que você acha da competição do óleo? Vamos pensar um pouquinho na competição.***

¹¹ Transcrição das aulas (p. 76, grifos nossos).

¹² Transcrição das aulas (p. 76-77, grifos nossos).

[Os alunos escrevem suas respostas]

Professora: – *Quem já pensou na competição? Victor?*

Victor: – ***Essa campanha ajuda as crianças a trazerem mais óleo.***

Professora: – *Brenda?*

Brenda: – ***É muito legal e interessante!***

Professora: – *Gente, olha, eu quero saber o que vocês acham da competição, do ato de competir; não é a campanha mais. A campanha já falamos aqui. Agora é o ato de competir pela campanha, tá bom? Não é a campanha. Allan?*

Allan: – *[...] Para superar a nós mesmos.*

Sofia: – ***Muito divertido! Incentiva muito mais a trazer o óleo.***

Isabela: – ***Eu acho que essa competição incentiva as crianças a trazerem o óleo.***

Professora: – *Gui?*

Guilherme: – ***Vem incentivar nós a trazermos o óleo.***

Leo: – ***Eu acho que é um incentivo a mais para trazer o óleo.***

Vinícius: – ***Acho bom! Porque... Além de termos trazendo o óleo, você vai estar competindo. E vamos incentivar as crianças.***

Nicole: – ***Acho que essa campanha é prazerosa, pois faz a gente trazer o óleo e ganha mais um certificado para nossa coleção!***

Biléu: – ***Ela incentiva a trazer o óleo para a escola.***

A: – ***Eu acho a competição muito legal, porque nós conseguimos arrecadar mais óleo para a competição e salvamos um pouco o nosso planeta!***

Surgem, uns atrás dos outros, os elogios à competição. E apenas eles. A professora insiste com essa discussão¹³, a ponto de os alunos perceberem que havia algo mais que a professora queria ouvir e que não estava sendo dito:

Hanna: – *Professora, alguém chegou perto?*

Professora: – *Não, não tem que chegar perto! Eu quero que vocês falem sobre isso. Olha, deixa eu explicar pra vocês: não é o certo e o errado, mas o que vocês pensam sobre isso. **Será que teria algum outro jeito da gente fazer essa campanha sem ter a competição? Será que a gente consegue pensar? Será que a gente traria essas coisas se não tivesse que competir, só por vontade de trazer, pra limpar o ambiente? Será que a campanha aconteceria? Será que as coisas se desenvolveriam? O que vocês acham?***

Victor: – ***Professora, eu acho que ia ter menos gente que ia trazer o óleo, porque ia falar: “ah, eu não vou trazer o óleo porque não tem sentido, não vou ganhar nada!”. Ia baixar a quantidade de óleo.***

¹³ Transcrição das aulas (p. 76-77, grifos nossos).

Professora: – Você acha que ia baixar sem a competição... E você?

*Leo: – **Eu acho que não teria incentivo pra algumas pessoas. E e aí não teria lucro pra gente, né?***

Professora: – É? Então a gente tem que ter lucro. Aquela questão do meio ambiente... Então, a gente não precisa ver? Só tem que pensar no lucro, como é que faz? O que vocês pensam? Fala, Hanna!

*Hanna: – Eu acho que... **A minoria traria, porque todo mundo acharia que fica meio sem graça sem a competição.***

Leo: – Se não tivesse essa competição acho que não incentivaria a...

Professora: – Não incentivaria?

*A: – **Tem que pensar primeiro no meio ambiente, depois nessa competição!***

Professora: – O que você acha, Vinícius?

*Vinícius: – **Eu acho que ia baixar muito a campanha, porque muita gente só traz óleo pra ganhar certificado.***

Professora: – Entendi... Mais quem? Quer falar, Biléu?... Não?... Mais alguém? Então quer dizer, se a gente não competir, se não tivesse o nosso certificado, premiação, então a gente ia pegar aquele óleo e ia pro ralo mesmo?

AA: – Não!

Biléu: – A gente ia levar pra coleta seletiva.

Professora: – Mas não é coleta seletiva aqui também?

Biléu: – Sim, mas... Passa na frente das casas... Na frente da minha casa passa um carro, passa um homem com um carrinho de mão que pega o óleo.

A professora prossegue¹⁴ ouvindo os alunos, que vão apresentando outras opções de locais onde levariam o óleo usado. Ao final, ela conclui, ressaltando a necessidade da coleta ocorrer “acima de tudo”:

*Professora: – **Porque a nossa ideia é justamente criar o hábito de não jogar o óleo na natureza... Com competição ou sem competição, né, a gente tem que criar esse hábito.** O ano que vem, vocês estão em outra escola, e a maioria delas não vai ser ponto de coleta de óleo. E aí, o que você vai fazer... Ahm... Se lá não tem essa prática? O que eu vou fazer? Ah, então eu vou jogar?*

Então, a gente tem que criar o hábito, né? Não necessariamente de trazer pra essa escola, mas nós temos que criar o hábito de coletar esse óleo, e não deixar ele ir. Isso é o importante, não deixar esse óleo ir pra natureza... Tá? Se vai ser pra essa escola ou pra outra escola, ou pro caminhão, pro tiozinho, pro sabão... Isso não importa pra gente.

¹⁴ Transcrição das aulas, (p. 76-77, grifos nossos).

O que importa é que ele não seja descartado de maneira irregular... Certo?

A partir dos argumentos que as crianças apresentam, percebemos o quanto a questão da competição está bastante entranhada no projeto, na vida dessas crianças, de nossa sociedade. A professora encerra essa aula sem impor às crianças uma ideia discutida no programa de formação docente, com relação à inconveniência do espírito competitivo articulado a projetos dessa natureza, visto que a princípio implicava a eliminação dessa proposta. Contudo, os sentidos que apareceram nos enunciados das crianças falaram mais alto no grupo.

O OTIMISMO FRENTE À TRANSFORMAÇÃO ALMEJADA

Desde que começamos a atuar com a Educação Ambiental, deparamo-nos com uma situação desafiadora: o aprofundamento das reflexões que esse tema envolve, sob o referencial da Educação Ambiental crítica é impactante, podendo provocar um pessimismo paralisante. Conforme indicado em Bonotto (2008), a partir de uma experiência envolvendo a formação docente, as reflexões relativas a uma revisão e mudança social representam um grande desafio; afinal, além de apontarem para a profundidade das lutas a serem estabelecidas, implicam também a revisão do próprio estilo de vida e dos valores de cada um. Diante desse quadro de pessimismo e dos sentimentos de desânimo que surgem, torna-se necessário “[...] garantir o espaço para que sejam acolhidos e trabalhados satisfatoriamente, evitando um efeito negativo com relação ao processo de mudança que se deseja que ocorra” (BONOTTO, 2008, p. 327).

Essas reflexões nos visitaram quando, em dois momentos da aula da professora Laura, ela se depara com os questionamentos de seus próprios alunos, diante do problema ambiental que estes passam a estudar em maiores detalhes. É o que se observa no excerto¹⁵ a seguir, o qual apresenta um momento de uma atividade de leitura conjunta, na sala de aula, de um texto que trata da questão do descarte do óleo usado:

¹⁵ Transcrição das aulas (p. 72, grifos nossos).

[Seguindo a leitura do texto feita em classe]

A: – *Infelizmente, estima-se que somente 1% do óleo de cozinha usado em todo o mundo seja reciclado. Que tal reutilizar esse inimigo dos canos, tubos e meio ambiente na sua casa?*

AA: – *Um por cento?!*

Professora: – *Então, quer dizer, uma pessoa de cada cem pessoas, só uma, cuida dessa questão do óleo. Olha quanta... Porque está acontecendo a poluição dos rios, mares e oceanos etc. Que vocês falaram? Por quê?*

[Professora prossegue a fala dirigindo-se a um aluno].

Professora: – *Olha... Quanta gente ainda não tem essa consciência, de quanta água está poluindo? Quanto de meio ambiente está poluindo... Todas as plantas, peixes etc. etc. etc. Olha o quanto essa Educação Ambiental se torna importante!*

Allan: – *Professora, então se 1% só é que é reciclado... Então 99%... É tudo poluição?*

Professora: – *Tudo poluição!*

Leo: – *E mesmo a gente fazendo tudo isso... É [somente] um por cento?*

A: – *Será que um dia isso vai virar mais, tipo... 5%?*

Professora: – *Eu acho que vai.*

A: – *Olha quanto que já foi despejado!...*

Professora: – *Já foi bastante, não?*

Victor: – *Professora, mas... Lá na frente, eu acho que vai dar, porque vão ter desenvolvido alguma coisa né, pra... Sei lá, ajudar a coletar lá. E eu acho que vai dar sim [...]*

Hanna: – *Professora, a minha esperança é que [se] consiga pelo menos uns 80% das pessoas [se envolvendo com essa tarefa]*

Professora: – *A nossa esperança, gente... O nosso trabalho aqui, hoje, é para que aumente. Não é isso? Cada um fazer um pouquinho? Mesmo que seja só um pouquinho que a gente traga [de óleo para ser reciclado].*

Mesmo no momento anteriormente relatado, em que aos alunos não conseguem vislumbrar a realização do projeto sem uso da competição, vemos presente na professora Laura um ânimo persistente, que não a faz desistir do projeto geral em função de um aspecto que não se resolve de acordo com suas expectativas. No decorrer do trabalho, outros momentos aparecem, alguns em que as falas e atitudes das crianças se situarão acima de suas expectativas (quando elas conseguem sugerir uma solução mais adequada para a contribuição da classe ao piquenique da escola, com os doces e refrigerantes propostos), o que leva a professora a encerrar seu trabalho extremamente motivada e a continuar com o desafio de provocar-lhes

questionamentos e a abertura para novos sentidos frente aos problemas ambientais e as formas de enfrentá-los.

A AFIRMAÇÃO DE POSIÇÕES E VALORES

Uma das grandes questões que atravessa o campo complexo e controverso dos valores e, em consequência, da educação em valores, se refere ao posicionamento mais ou menos relativista frente a eles, que acarreta uma discussão sobre a necessidade de a escola assumir esse trabalho. E considerando-se que deva, qual a postura mais adequada do educador (em termos de neutralidade) frente a essa tarefa? Certamente, são inúmeras as facetas presentes nesse campo, tanto quanto são inúmeros os sentidos construídos em torno de cada uma delas.

Nossas reflexões e posicionamentos nos levam a considerar que vivemos sob um contínuo processo de educação das novas gerações nos valores da sociedade em que nascem, assim como é permanente o processo de discussão, revisão e criação de novos valores pelas diferentes sociedades ao redor do mundo e com o decorrer do tempo. Assim considerando, a sociedade contemporânea, envolvida por uma gama crescente de problemas – dentre os quais os ambientais – vive uma fase de necessária revisão de seus valores e ações frente a esses problemas. É sob essa perspectiva que reconhecemos o importante papel da escola, colaborando para esse processo.

Concordamos com Reboul (2000), quando ressalta a necessidade de a escola assumir explicitamente a tarefa da educação em valores. Diante da questão central sobre “[...] como educar segundo valores sem doutrinar”, esse autor discute o quanto se pode doutrinar seja impondo valores, seja também se eximindo de assumir esse trabalho. É nessa mesma direção que diversos autores têm discutido atualmente a questão do trabalho com valores, defendendo a posição de a escola assumir de forma intencional esse trabalho, envolvendo os diferentes espaços e tempos escolares.

Essa reflexão fora levada ao programa de formação continuada do qual a professora Laura participou, e desde seu início ela já trazia uma posição clara a esse respeito¹⁶:

¹⁶ Projeto de extensão – Reflexão (jul. 2013).

Vou responder com toda convicção que tenho hoje, seja uma ideia ingênua ou não. Acredito que realmente temos que ensinar os valores aceitos em nossa sociedade sim! Pois se assim não o fizermos, outros valores (os não aceitos socialmente) ocuparão seus espaços. Hoje, com minha experiência de trabalho, sinto-me cada vez mais convencida de que a criança necessita de “um norte”, de referências, de um guia. Mais tarde, ela fará suas escolhas. [...] Então, entendo que devemos direcioná-las com os valores aceitos sim, para que, mais tarde, ela possa ter como optar que caminho trilhar.

A professora Laura deixa claro em suas falas e reflexões¹⁷, ao longo do programa de formação continuada, sua adesão à ideia da educação escolar assumir o trabalho com valores junto às crianças: “é um trabalho que tem um sentido de necessidade, custe o que custar ao educador”. A professora acrescenta, em outro momento¹⁸:

Já foi questionado se devemos “ensinar” valores e, em outro momento, já disse isso: na minha visão de mundo, podemos e devemos “ensinar” valores [...]. Sinto que trabalhar com valores, seja em que dimensão, é algo gratificante. Houve momentos em que quase desisti; mas, acabava tentando de novo. Este ano não o faria mais, até assistir a uma palestra (não sei de quem) na aula inaugural no início do ano [promovida pela secretaria da educação do município]. O palestrante falou da importância de trabalharmos valores nos dias atuais. Me encorajei e iniciei o trabalho novamente. Só tenho a agradecer por tê-lo feito. A escola já o incorporou ao seu PPP. Sendo assim, vejo esse trabalho [com valores] como algo **muito** positivo. Vou continuar [...].

Diante de tal concepção, não é de se estranhar que a professora, mesmo abrindo espaço para os alunos se posicionarem e apresentarem seus argumentos, como demonstraram muitos dos excertos que apresentamos, não deixava de ter clareza quanto a algumas noções e posições que queria trazer aos alunos. Isso pode ser observado na discussão a respeito dos interesses das empresas, da escola e dos próprios alunos. Quando a professora percebeu que os alunos não conseguiam explicitar a questão do interesse financeiro a que toda empresa está submetida, é ela que, de forma direta, o fez.

¹⁷ Projeto de extensão – Reflexão (jul. 2013).

¹⁸ Projeto de extensão – Reflexão (out. 2013).

Durante esses diálogos, muitas vezes ficou visível a expectativa dos alunos de responderem “aquilo que a professora queria ouvir”. Várias vezes, eles fazem a ela perguntas a esse respeito: “*Vê se agora está certo, professora. Ter lucro e ajudar o meio ambiente?*” (GUILHERME)¹⁹; “*Professora, alguém chegou perto [da resposta certa]?*” (HANNA)²⁰.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer os esforços da professora para dar liberdade aos alunos, ajudando-os a expressarem suas próprias ideias. Assim, a professora responde à pergunta de sua aluna, Hanna, sobre alguém ter chegado perto: “*Não, não tem que chegar perto! Eu quero que vocês falem sobre isso. Olha, deixa eu explicar pra vocês: não é o certo e o errado, mas o que vocês pensam sobre isso. Será que teria algum outro jeito da gente fazer essa campanha sem ter a competição?*”²¹. Na verdade, a professora quer, por meio dessa conversa (na qual a aluna Hanna se manifesta), chegar à crítica da competição presente no projeto. Mas a professora rende-se, ao final. E os sentidos expressos pela classe a essa prática se tornaram a última palavra.

Ressaltamos que não podemos saber até que ponto a professora foi apenas vencida pela falta de contra-argumentos ou aceitou de fato esse resultado, ponderando a questão a partir das considerações que seus alunos apresentaram.

E importante, no entanto, indicar que, ao longo desse diálogo²² – ao dar prosseguimento à reflexão sobre os “reais interesses”, ao questionar os alunos sobre seus próprios interesses –, ocorre uma manifestação significativa sobre essa questão da diretividade da professora:

Professora, e qual é o seu real interesse?

Professora: – O meu real interesse... Então... seriam os meus reais interesses... Eu tenho alguns interesses... Logicamente que a gente gosta de competir, de ver ganhar e tudo o mais... Mas o meu real interesse, hoje, vamos ver se a gente vai conseguir, estamos tentando... Mas, eu posso responder essa pergunta quando a gente terminar o projeto?

[A classe insiste para ela responder]

¹⁹ Transcrição das aulas (p. 72, grifos nossos).

²⁰ Transcrição das aulas (p. 78, grifos nossos).

²¹ Transcrição das aulas (p. 78, grifos nossos).

²² Transcrição das aulas (p.76, grifos nossos).

Professora: – Se eu falar isso pra vocês agora, vai guiar alguns pensamentos. Eu não queria guiar esses pensamentos. Então, assim que a gente terminar, aí você me pergunta de novo.

Leo: – Porque se falar agora. Então, a gente vai pensar nisso né.

Professora: – É... Então, entendeu agora? Mas, eu tenho alguns reais, eu... Realmente... É gostoso fazer gincana. Claro que a gente quer participar, né? Mas, a gente vai conversar sobre isso... Eu quero conversar sobre isso no final.

Percebe-se, nesse caso, sua preocupação em não prejudicar o exercício de livre exposição das ideias dos alunos. Nesse momento, fica evidente o sentido de abertura à manifestação das ideias dos alunos – a serem postas em diálogo posterior, envolvendo todo o grupo, para os encaminhamentos que a professora tem a intenção de promover.

Podemos questionar o quanto a professora fora diretiva, o quanto ela poderia/deveria ter se aberto (mais) para posicionamentos diferentes por parte dos alunos. Em contrapartida, há um sentido que caminha em direção contrária e que se pode contrapor a esses questionamentos: o da professora firme e responsável diante de seu papel, diante das crianças que têm sob sua responsabilidade. Se adotasse uma postura muito diretiva, poderia tolher a autonomia das crianças; já uma postura muito relativa poderia deixá-las à mercê das influências hegemônicas que, em nossa sociedade, cercam diariamente – e sutilmente – a todo nós, induzindo-nos a visões e a comportamentos alienados.

Dado o exposto, questionamos: por que não assumir, na escola, a crítica a essas influências, explicitando essas posições, ao mesmo tempo em que se busca promover, com o diálogo, o exercício gradativo da argumentação e a construção da capacidade de pensar e posicionar-se? Nesse sentido, concordamos com as palavras de Reboul (2000, p. 79):

Mas endoutrina-se igualmente quando aqueles que se educam são abandonados ao deixa-andar, à ilusão da escolha, à ignorância do que poderiam saber. Pois há sempre uma educação: se nós, educadores, renunciarmos a comunicar os valores, outros se encarregam, os camaradas, os meios de comunicação, a língua corrente [...]. Nos nossos dias, o grande perigo de endoutrinação, aparentemente, não vem da religião nem da política, mas da indiferença, ou de certa demissão dos próprios educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do posicionamento favorável ao trabalho com valores na escola, uma questão se colocava a todo o grupo envolvido no projeto de formação continuada no qual a prática da professora Laura (aqui apresentada) fora concebida: como realizar o trabalho com a dimensão valorativa presente nos temas e problemas ambientais sem doutrinar? É possível afirmar valores frente às situações estudadas na escola sem cair na inculcação de valores? Como deve se portar o professor? Como realizar esse trabalho considerando as diferentes faixas etárias dos alunos nos diferentes níveis escolares da educação básica?

Essas questões permearam o programa de formação, tanto quanto a investigação a ele articulada. Sobre elas nos debruçamos a fim de tentar compreender as práticas da professora Laura – construindo, no diálogo estabelecido com ela, alguns dos sentidos que apresentamos aqui.

Pensando nessas questões e nos desafios que elas provocam no educador, finalizamos esta análise identificando um sentido nosso de profundo respeito a essa tarefa e ao professor que com ela se envolve. A prática da professora se mostrou impregnada do sentido de desafio, diante da tarefa de buscar ampliar o olhar de seus alunos – crianças – para um problema ambiental, de forma menos ingênua e mais crítica, segundo as compreensões que a própria educadora construía – novos sentidos – a partir de seu processo formativo. E esse sentido, “temperado” com o de otimismo e de sua intenção de colaborar com o enfrentamento da crise ambiental e a transformação ambiental e social com que sonhamos, a qual trouxe a professora para a formação continuada, segue inspirando essa educadora a dar prosseguimento a seu trabalho com a Educação Ambiental – o qual continua, mesmo após o término do programa formativo. E é o que denotam suas palavras²³, com as quais encerramos este texto:

Há algum tempo, já trabalho em sala de aula a EA e desenvolvo um projeto de valores (o qual será totalmente reformulado). Mas nunca os articulei. (Pelo menos eu achava que desenvolvia um projeto. Hoje, vejo que não é bem assim). Terei que refazer esse trabalho para os próximos anos!

²³ Projeto de extensão – Reflexão (out. 2013).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONOTTO, D. M. B. Educação Ambiental e Educação em Valores em um programa de formação docente. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 7, n. 2, p. 313-336, 2008.
- BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.
- CARVALHO, L. M. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. C; LOGAREZZI, A. (Org.). **Consumo e resíduo: fundamentos para um trabalho educativo**. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 19-41.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. (Org.) **A dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B., LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez. 2002. p. 179-219.
- LOUREIRO, C. F. B. Teoria Social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 13-51.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Coleção Temas básicos de Educação e Ensino. São Paulo: EPU, 1986.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-176.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PUIG, J. M. **Ética e valores**: métodos para um ensino transversal. (Coleção Psicologia e Educação). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____. **Práticas morais**: uma abordagem sociocultural da educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

REBOUL, O. **A Filosofia da Educação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as Ciências**. 10. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

ZACARIAS, R. **Coleta seletiva de lixo nas escolas e parceria com empresa**: relato crítico de uma experiência. 1998. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

Submetido em: 02/12/2014

Aprovado em: 22/12/2014